

# PERDENDO-ME

Cora Carmack

*Tradução*

Ana Death Duarte



NSPIRO FUNDO.

*Você é incrível!*

Eu meio que não acreditava, então pensei de novo.

*Incrível. Você é incrível.*

Se minha mãe ouvisse meus pensamentos, ela me diria que preciso ser humilde, mas a humildade não havia me levado a lugar nenhum.

*Bliss Edwards, você é tremendamente atraente.*

Então como foi que acabei, com vinte e dois anos de idade, sendo a única pessoa que eu conhecia que nunca tinha feito sexo na vida? Em algum ponto entre *Saved by the Bell* e *Gossip Girl*, não se ouvia falar de uma garota que se formasse na faculdade e ainda permanecesse virgem. E agora, lá estava eu, parada e em pé no meu quarto, me arrependendo de ter reunido a coragem para admitir esse fato à minha amiga Kelsey. A reação dela foi como se eu tivesse lhe dito que estava escondendo um rabo debaixo da minha saia trapézio. E eu soube, antes mesmo de o queixo dela terminar de cair, que essa era uma ideia terrível.

— SÉRIO? É por causa de Jesus? Tipo, você está se guardando para ele?

Para Kelsey, que tinha o corpo de uma Barbie e o cérebro sexualmente carregado de um garoto adolescente, sexo parecia algo mais simples.

— Não, Kelsey — falei. — Seria um pouco difícil me guardar para alguém que morreu há mais de dois mil anos.

Kelsey tirou a blusa com a maior rapidez e jogou-a no chão. Eu devo ter feito alguma careta, porque ela olhou para mim e deu risada.

— Relaxa, Princesa Pureza, eu só estou trocando de blusa.

Ela deu um passo para dentro do meu *closet* e começou a analisar as minhas roupas.

— Por quê?

— Porque, Bliss, nós vamos fazer com que você vá pra cama com alguém.

Ela disse as palavras “vá pra cama com alguém” curvando a língua de um jeito tal que me lembrou aqueles comerciais de disque-sexo que passavam tarde da noite na TV.

— Ah, Jesus, Kelsey!

Ela puxou uma blusa que ficava justa em mim e que ficaria pura e simplesmente escandalosa em seu corpo cheio de curvas.

— O que foi? Você disse que isso não tinha nada a ver com Jesus.

Resisti ao impulso de estapear minha testa.

— Não é, eu não acho que... quero dizer, eu vou à igreja e tal, e, bem, às vezes. É só que eu... Eu não sei. Nunca estive tão interessada assim.

Ela parou o que estava fazendo, com a nova blusa que acabava de colocar e ainda estava no meio da cabeça.

— Nunca esteve interessada? Em rapazes? Você é lésbica?

Uma vez eu escutei sem querer minha mãe, que não consegue entender por que eu estou prestes a me formar na faculdade sem um anel de noivado no dedo, fazer essa mesma pergunta a meu pai.

— Não, Kelsey, eu não sou lésbica, então pode continuar a vestir sua blusa. Você não precisa pegar uma espada e cometer suicídio sexual por mim.

— Se você não é lésbica, e isso não tem nada a ver com Jesus, então é só uma questão de encontrar o cara certo, ou eu deveria dizer... a espada sexual certa.

Revirei os olhos.

— Que droga! Isso é tudo? Encontrar o cara certo? Por que ninguém me falou isso antes?

Ela puxou seus cabelos loiros para trás e fez um alto rabo de cavalo, o que, de alguma forma, chamava ainda mais a atenção para o peito dela.

— Eu não estou falando do cara certo para se casar, docinho. Estou falando do cara certo para agitar esse sangue aí nas suas veias. Para fazer com que você desligue esse seu cérebro analítico, intolerante e hiperativo e em vez disso pense com o corpo.

— Corpos não pensam.

— VIU?! — disse ela. — Analítica. Intolerante.

— Ok, ok! Qual é o bar da noite?

— Stumble Inn, é claro.

Soltei um gemido.

— Classudo.

— Que foi?

Kelsey olhou para mim como se eu não soubesse a resposta a uma pergunta realmente óbvia.

— É um bom bar. E o mais importante: é um bar do qual os rapazes gostam. E, já que nós *realmente* gostamos de rapazes, nós gostamos desse bar.

Poderia ser pior. Ela poderia estar me levando a uma casa noturna.

— Ok, vamos.

Eu me levantei e me dirigi até a cortina que separava o meu quarto do restante do meu loft.

— Ei! Ei! — Ela me agarrou pelo cotovelo e me puxou com tanta força que eu caí para trás, na minha cama. — Você não pode ir assim!

Baixei o olhar para analisar o meu visual: saia trapézio florida com uma regata simples que deixava à mostra uma boa parte da fenda entre meus seios. Eu estava bonitinha. Claro que eu conseguia fisgar um cara com essa roupa... bem, era possível.

— Eu não vejo qual é o problema — falei.

Ela revirou os olhos e eu me senti como se fosse uma criança. Eu odiava me sentir assim, e era bem... sempre o que acontecia quando a conversa se voltava para o assunto “sexo”.

Kelsey disse:

— Docinho, agora mesmo você está parecendo uma adorável irmã caçula. Nenhum cara quer trepar com a irmãzinha dele. E, se ele quiser fazer isso, você não vai querer nem um pouco ficar perto dele.

É... definitivamente, eu me sentia como se fosse uma criança.

— Bem observado.

— Humm... parece que você está treinando isso de desligar esse seu cérebro hiperativo. Bom trabalho. Agora fica aqui em pé e me deixa fazer a minha mágica.

E, com mágica, ela queria dizer tortura.

Depois de vetar três blusinhas que faziam com que eu me sentisse uma prostituta, algumas calças que mais pareciam *leggings*, e uma saia tão curta que ameaçava mostrar ao mundo a minha perseguida no caso de uma leve brisa que fosse, acabamos ficando com uma calça capri de denim de cintura baixa e uma regata preta rendada que se destacava, em contraste com a minha pele branca e pálida.

— Pernas depiladas?

Assenti.

— Outras... coisas... depiladas?

— Até o máximo que algum dia estará depilada... sim, agora, vamos mudar de assunto.

Foi assim que estabeleci os limites dessa conversa.

Kelsey abriu um largo sorriso, mas não discutiu.

— Tudo bem, tudo bem. Camisinhas?

— Na minha bolsa.

— Cérebro?

— Desligado. Ou, bem... desacelerado, seja como for.

— Excelente. Eu acho que estamos prontas.

Eu não estava pronta. Nem um pouco.

Havia uma razão pela qual eu não havia feito sexo ainda, e agora eu sabia qual era. Eu era obsessiva por controle. Era por isso que eu tinha ido tão bem em toda a minha vida escolar. Isso havia feito de mim uma excelente diretora de cena, ninguém conseguia dirigir um ensaio de teatro como eu. E, quando criei coragem para atuar, eu sempre estava mais preparada do que qualquer ator na classe. Mas sexo... era o oposto de controle. Havia emoções e atração e aquela incômoda outra pessoa que simplesmente *tinha* que estar envolvida. Não era a minha ideia de diversão.

— Você está pensando demais — disse Kelsey.

— É melhor do que não pensar o suficiente.

— Não, nesta noite, não é não — disse ela.

Aumentei o volume do iPod da Kelsey assim que entramos no carro, de modo que eu pudesse pensar em paz.

Eu conseguiria fazer isso. Tratava-se apenas de um problema que precisava ser resolvido, um item que eu precisava riscar da minha lista de coisas a fazer.

Era simples assim.

Simples.

Mantenha as coisas no nível simples.

Estacionamos do lado de fora do bar vários minutos depois, e a noite parecia tudo, menos simples. Minha calça parecia apertada demais, minha blusa, decotada demais, e meu cérebro, anuviado demais. Eu queria vomitar.

Eu não queria ser virgem. Disso eu sabia. Eu não queria me sentir a pudica imatura que não sabia nada sobre sexo. Eu odiava não saber das coisas. O problema era que... por mais que eu não quisesse ser virgem, eu também não queria fazer sexo.

O enigma dos enigmas. Por que isso não poderia ser como um problema do tipo “um quadrado é um retângulo, mas um retângulo nem sempre é um quadrado”?

Kelsey estava parada do lado de fora da minha porta, batendo no chão com seus sapatos de salto alto, acompanhando o ritmo do estalar de seus dedos, enquanto ela me incitava a sair do carro. Endireitei os ombros, joguei os cabelos para trás (meio sem ânimo), e acompanhei Kelsey bar adentro.

Segui ziguezagueando direto até o bar, sentei-me em uma banqueta, e chamei o barman com um aceno.

Ele era uma possibilidade. Cabelos loiros, compleição corporal média, belo rosto. Nada de especial, mas certamente não estava fora de questão. Ele poderia ser bom para algo simples.

— O que eu posso pegar para vocês, meninas?

Sotaque sulista. Definitivamente um garoto da casa.

Kelsey se intrometeu:

— Precisamos de duas doses de tequila, pra começar.

— Traga quatro — resmunguei.

Ele soltou um assvio e seus olhos se encontraram com os meus.

— Uma noite daquelas, não é?

Eu não estava preparada para colocar em palavras que tipo de noite era essa. Então, eu apenas disse o seguinte:

— Estou procurando um pouco de coragem líquida.

— E eu ficaria feliz em ajudá-la.

Ele piscou para mim, e mal tinha se afastado quando Kelsey começou a dar pulinhos em seu assento, dizendo:

— É ele! É ele!

As palavras dela me fizeram sentir como se eu estivesse em uma montanha russa, como se o mundo tivesse acabado de cair e todos os meus órgãos estivessem tentando voltar aos seus devidos lugares. Eu só precisava de mais tempo para me ajustar. Só isso. Agarrei o ombro de Kelsey e forcei-a a ficar quieta.

— Relaxa, Kels. Você está parecendo um chihuahua doido.

— Que foi? Ele é uma boa opção. Bonitinho. Legal. E eu totalmente o vi olhando de relance para a fenda entre os seus seios... DUAS VEZES!

Ela não estava errada, mas, ainda assim, eu não estava totalmente interessada em dormir com ele, o que eu supunha que não deveria excluí-lo da equação, mas isso, com certeza, seria, ah, um inferno! Seria muito mais fácil se eu, na verdade, estivesse *interessada* no cara. Falei:

— Não tenho certeza... simplesmente não estamos trocando faíscas.

— Eu podia ver que ela ia revirar os olhos, então rapidamente eu acrescentei um: — Ainda!

Quando o barman voltou com os nossos drinques, Kelsey pagou por eles e eu tomei as minhas duas doses antes mesmo de ela entregar a comanda a ele, que permaneceu ali por um instante, sorrindo para mim, antes de ir atender um outro cliente. Roubei uma das doses de Kelsey que haviam sobrado.

— Você está com sorte de que esta é uma grande noite para você, Bliss. Normalmente, ninguém fica entre mim e a minha tequila.

Estirei a mão e disse:

— Bem, ninguém vai ficar entre essas pernas a menos que eu esteja bem bêbada, então pode me passar essa última dose aí.

Kelsey balançou a cabeça em negativa, mas ela estava sorrindo. Depois de alguns segundos ela cedeu e, com quatro doses de tequila no meu sistema, o prospecto de fazer sexo parecia um pouco menos assustador.

Dessa vez foi uma mulher que veio nos atender, e pedi um Jack Daniel's com Coca-Cola para ficar bebericando enquanto eu descor-tinava essa bagunça toda.

Havia o barman, mas ele não sairia dali até lá pelas duas da manhã. Eu já estava devastada pelo nervosismo, então, se isso se arrastasse até a madrugada, eu estaria completamente psicótica. Eu podia simplesmente imaginar a cena: colocada numa camisa de força por causa de sexo.

Havia um cara parado a meu lado que parecia se mover alguns centímetros mais para perto de mim a cada vez que eu bebia um pouco, mas ele parecia ter pelo menos uns quarenta anos. Não, obrigada.

Eu engoli mais um pouco do meu drinque, agradecida porque a *barwoman* havia pegado pesado na quantidade de Jack, e analisei o bar.

— E quanto a ele? — quis saber Kelsey, apontando para um cara em uma mesa ali perto.

— Muito com cara de colegial.

— Ele?

— *Hipster* demais.

— Aquele lá?

— Eca! Muito peludo.

A lista continuava até que eu tive plena certeza de que a noite tinha sido um fiasco. Kelsey sugeriu que fôssemos para um outro bar, e isso era a última coisa que eu queria fazer. Eu disse a ela que tinha que ir ao banheiro, e nutria esperanças de que alguém fosse chamar a atenção dela enquanto eu não estivesse lá, de modo que eu poderia cair fora sem drama. O banheiro ficava lá nos fundos, passando pela área da

piscina e do jogo de dardos, uma parte com algumas pequenas mesas redondas.

Foi então que eu o notei.

Bem, tecnicamente, notei o livro primeiro.

E simplesmente não consegui manter a boca fechada.

— Se isso é para ganhar as garotas, eu sugiro que você vá para uma área onde circulam mais pessoas.

Ele ergueu o olhar de sua leitura, e, de repente, achei difícil engolir. Ele era facilmente o cara mais atraente que eu tinha visto essa noite, com seus cabelos loiros caindo por cima de límpidos olhos azuis, apenas um pouco de barba no maxilar para lhe dar um ar masculino sem que o tornasse barbudo demais, e um rosto que poderia ter feito anjos cantarem. Um rosto que não me fazia cantar. Fazia com que eu o observasse com admiração, como uma boboca. Por que parei? Por que eu sempre tinha que bancar a idiota?

— Como?

A minha mente ainda processava os seus cabelos perfeitos e seus brilhantes olhos azuis, então demorei um segundo para dizer:

— Shakespeare. Ninguém lê Shakespeare em um bar, a menos que seja um esquema para conseguir garotas. Tudo o que estou dizendo é que você poderia ter mais sorte lá na frente.

Ele não disse nada por um longo instante, mas então sua boca se partiu em um largo sorriso, revelando... quer saber o quê? Dentes perfeitos!

— Não é um esquema para pegar garotas, mas, se fosse, parece que estou tendo a maior sorte aqui mesmo.

Sotaque. ELE TEM SOTAQUE BRITÂNICO. Santo Deus, estou morrendo.

Respirar. Eu precisava respirar.

*Não perca o controle, Bliss.*

Ele colocou o livro de lado, mas não sem antes marcar onde havia parado. Meu Deus, ele realmente estava lendo Shakespeare em um bar!

— Você não está tentando pegar uma garota?

— Eu não estava...

O meu cérebro analítico não deixou passar o fato de que ele usou o verbo no passado. Como em... ele não estava tentando seduzir ninguém antes, mas talvez estivesse agora.

Olhei de novo para ele que estava sorrindo agora, com dentes brancos e uma barba rala que o tornava pura e simplesmente delicioso. É, eu estava definitivamente seduzida. E esse único pensamento foi o bastante para me fazer ficar chocada.

— Qual é o seu nome, amor?

Amor? AMOR! Ainda morrendo aqui.

— Bliss.

— E isso faz parte de uma cantada?<sup>1</sup>

Eu me ruborizei adquirindo um tom carmesim.

— Não, esse é o meu nome mesmo.

— Um nome adorável para uma garota adorável.

O timbre da voz dele alcançou aquele registro baixo que fazia as minhas entranhas curvarem-se para dentro de si mesmas... era como se o meu útero estivesse sapateando em uma dança de felicidade sobre o restante dos meus órgãos. Meu Deus, eu estava morrendo... a mais longa, tortuosa e excitante morte na história do mundo. Essa é a sensação de estar com tesão? Não é de se admirar que o sexo leva as pessoas a fazerem loucuras.

— Bem, Bliss, eu sou novo na cidade, e já consegui me trancar para fora do meu apartamento. Para falar a verdade, estou esperando um chaveiro e pensei em fazer um bom uso desse tempo livre.

— Atualizando sua leitura de Shakespeare?

---

<sup>1</sup> *Bliss*, em inglês, quer dizer felicidade, êxtase, glória. (N. T.)

— Tentando, de qualquer forma. Para ser honesto, eu nunca gostei tanto assim do sujeito, mas vamos manter isso como um segredo entre nós, certo?

Tenho plena certeza de que as minhas bochechas ainda estavam vermelhas, se o calor que emanava delas fosse algum indicativo. Na verdade, parecia que meu corpo inteiro estava em chamas. Não sei ao certo se era mortificação ou se o sotaque dele fez com que eu sofresse uma combustão espontânea na frente dele.

— Você parece desapontada, Bliss. Você é fã de Shakespeare?

Assenti, porque a minha garganta podia estar se fechando.

Ele torceu o nariz em resposta, e as minhas mãos estavam coçando para seguirem a linha do nariz dele até os seus lábios.

Eu estava ficando maluca. Para falar a verdade, comprovadamente insana.

— Não me diga que você é fã de *Romeu e Julieta*!

Agora, isso. *Isso sim* era algo que eu conseguiria discutir.

— *Otelo*, para falar a verdade. É a minha peça predileta dele.

— Ah, a bela Desdêmona. Leal e Pura.

O meu coração bateu descompassado por um instante quando ouvi a palavra “pura”.

— Eu, hum... — Eu me esforcei para juntar os pedaços dos meus pensamentos. — Eu gosto da justaposição de razão e paixão.

— Eu mesmo sou um fã da paixão. — Os olhos dele voltaram-se para baixo então, e ele percorreu com eles a extensão do meu corpo. Senti um formigamento na coluna até parecer que essa sensação poderia irromper pela minha pele afora. — Você não perguntou o meu nome — disse ele.

Pigarreei. Isso não poderia ser algo atraente. Eu era quase tão sociável quanto um homem das cavernas. Perguntei:

— Qual é o seu nome?

Ele inclinou a cabeça e seus cabelos quase cobriram seus olhos.

— Junte-se a mim e eu lhe direi.

Eu não pensei em nada além do fato de que as minhas pernas pareciam gelatina, e que me sentar me impediria de fazer algo embarçoso como desmaiar por causa do influxo de hormônios que estava fazendo uma ebullição no meu cérebro. Afundei na cadeira, mas em vez de alívio, a tensão elevou-se a mais um nível.

Ele falou, e meus olhos se depararam com os lábios dele:

— Meu nome é Garrick.

Quem diria que um nome também podia ser sexy?

— É um prazer conhecê-lo, Garrick.

Apoiando-se em seus cotovelos, ele inclinou para a frente, e eu notei seus ombros largos, e a forma como seus músculos se moviam sob o tecido de sua camisa. Então nossos olhos se conectaram, e o bar à nossa volta passou de turvo para escuro, enquanto eu era aprisionada por aquela melancolia.

— Eu vou comprar um drinque para você. — Isso não era para ser uma pergunta. Na verdade, quando ele olhou para mim, não havia nada questionador nele, de forma alguma, apenas confiança. — E então poderemos conversar um pouco mais sobre razão e... paixão.